

# VIOLÊNCIAS NA ESCOLA: A Relação Professor e Aluno

Maria Cristina Dancham Simões  
Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves – Universidade de Taubaté  
mcris\_simoes@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe discutir as relações entre professores e alunos no contexto escolar, buscando apreender e analisar as formas como se dá o encontro, a convivência e a dinâmica existente entre esses dois atores sociais a partir das manifestações de suas experiências entre si e no espaço escolar.

O esforço se justifica uma vez que a escola é local privilegiado na formação dos jovens da sociedade atual, esta última representada e reproduzida naquele local. Busca-se compreender um grupo social o qual, muitas vezes, é responsabilizado ou depositário dos problemas sociais e/ou escolares. Fala-se, aqui, tanto dos professores – quando se apresenta a fala de que “o professor não quer saber de dar aula, não se preocupa com os alunos” etc – quanto dos alunos, acusados de serem desinteressados, rebeldes, agressivos e, muitas vezes, com dificuldades psicológicas. Ambos foram incluídos num mesmo grupo que vem sendo discriminado socialmente, mas, vale lembrar, sempre se discriminando um do outro.

A partir dessa observação, pretende-se deslocar o foco da discussão e análise para as relações, destituindo o professor de seu papel de detentor, bem como o aluno de seu papel de ignorante do saber para, a partir do referencial teórico crítico, entender a dinâmica de sua relação.

Em função disso, objetivou-se compreender e explicar a relação professor-aluno a partir da concepção sócio histórica e tendo como base os conhecimentos desenvolvidos pela Psicologia Social e Escolar. Especificamente, objetivou-se compreender em quais elementos se sustenta a relação professor-aluno, quais seus componentes e quais as estratégias adotadas para lidar com os conflitos gerados no processo de relação.

Espera-se que o espaço e atores analisados apresentem-se como conflituosos e complexos, na medida em que há uma relação de força e poder entre eles, expressa pela hierarquia, punição e ideologia que se apresenta por um discurso competente, os quais, por sua vez, mantêm esse cenário de conflitos, disputa e expressões violentas.

## 2. MÉTODO

As informações que compõem esta investigação foram obtidas a partir da coleta feita entre 2005 e 2007, durante pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Escola Contemporânea: Processo de Socialização e de Poder na Relação Professor-aluno”<sup>1</sup>. O levantamento dos dados foi feito em quatro escolas estaduais do município de Taubaté que tinham em sua grade a 5ª série do Ensino Fundamental<sup>2</sup>.

O instrumento, composto por uma folha de sulfite em branco e uma pergunta (“Como é a sua sala de aula?”), foi aplicado em duas salas de aula de 5ª série, do período vespertino em uma das escolas. As aulas escolhidas seguiram o critério de serem ministradas por professores eventuais ou por professores que aceitassem participar e reservar um período de sua aula para aplicação do instrumento. Assim, foram sujeitos dessa pesquisa 52 alunos e sete professores.

Para que os dados obtidos nas dinâmicas pudessem contribuir e nortear as discussões posteriores, foi elaborado um método de quantificação e sistematização dos mesmos, seguindo os princípios da análise de conteúdo. A análise realizada fundamentou-se no método desenvolvido pela psicologia social que propõe, a partir da análise do empírico (dados individuais), na articulação com

---

<sup>1</sup> Pimenta e Simões (2007), financiado por UNITAU/PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> À época, ainda não havia sido implantada 9ª série.

a totalidade das escolas estudadas e da gênese da educação buscar, na relação dado-teoria, descrever, compreender e explicar o movimento da relação professor-aluno no interior da instituição escolar a fim de atingir os objetivos propostos neste estudo.

Para que se possa analisar o discurso das informações obtidas, buscou-se um método que convergisse com a concepção de homem, mundo e ciência que aqui se empregou. Dessa forma, os escritos de Aguiar e Ozella (2006) são de importância para a construção de tal método, que considera o homem como histórica, social e culturalmente situado.

Assim, Aguiar e Ozella (2006) propõem um método que se utiliza de núcleos de significação para o aprofundamento na compreensão do material coletado. Os núcleos devem ser representantes dos pontos fundamentais daquilo que traz implicações ao sujeito, que revelem determinações constitutivas (AGUIAR e OZELLA, 2006).

Referem-se à entrevista como a melhor forma de capturar tais movimentos, mas não desconsideram outros instrumentos como relatos escritos, desenhos, narrativas, vídeo-gravação, entre outras. Consideram também, concomitantemente à entrevista, um plano de observação imprescindível à apreensão do conteúdo que se propõe estudar.

Esta pesquisa utilizou-se do desenho e relatos escritos de alunos e professores, além da observação do espaço escolar de algumas escolas estaduais. A pretensão era de obter um amplo número de registros sobre o tema, considerando-se as dificuldades já citadas para adentrar o espaço escolar. Acredita-se que os desenhos possuam uma riqueza que pode ser considerada para a investigação do fenômeno da violência simbólica, assim como os relatos escritos e a interação entre eles.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Paralelamente às aplicações do instrumento de coleta de dados, uma intensa observação do espaço escolar, da sala de aula e da Sala dos Professores foi feita. Diante dos resultados obtidos e que serão apresentados, discutiu-se a relação que se dá entre professores e alunos, não ignorando outros aspectos e atores que figuraram nessa relação, a partir de núcleos de significação, conforme discutido no Método, parcialmente elaborados durante a execução do projeto de iniciação científica. A discussão pretende identificar os atores que figuram na relação: o professor, suas origens, influências, formações e atuações no ambiente; e o aluno, suas influências, desenvolvimento e atuações no ambiente.

#### **3.1. AS GRADES**

Em todas as escolas existia uma preocupação com a proteção da unidade, conforme as observações e registros feitos. Guimarães (1985) nos dá subsídio teórico para entender essas manifestações de violência, expressas no e pelo espaço físico escolar, a partir da ótica foucaultiana sobre a disciplina e a relação docilidade-utilidade, existente em tal espaço.

Um exemplo dessa relação docilidade-utilidade ficou claro durante a observação em uma das escolas à época eleitoral. O período noturno era considerado o mais problemático e menos “aproveitável”, conforme a comunidade escolar como um todo pregava. A proximidade das eleições pedia que a escola fosse limpa e arrumada e, em função dessa tarefa, da urgência e do pouco tempo disponível, a diretora deu ordem a todos os professores que não dessem aula naquela noite e, no lugar, os alunos presentes deveriam realizar a limpeza de suas salas, o que os permitiria sair mais cedo e, em alguns casos, receber um ponto positivo na média de determinadas matérias.

O que chamou mais a atenção foi o fato de que foram poucos os alunos e professores que não concordaram com essa situação. Submissos a uma relação violenta, alunos e professores mantêm essa relação ao aceitarem passivamente condições que permitem situações como essa acontecerem. Transformam esses sujeitos em prisioneiros deste local, presos entre as grades invisíveis que essas situações levantam, não permitindo a conscientização da brutalidade com que as relações estão se constituindo e mantendo. Relações violentas que se perpetuam no espaço escolar.

Outra consideração a ser feita é com relação às grades, os muros e portões altos, as regras fixadas nos quadros e paredes, os cadeados e demais objetos ou imposições, como aparelhos de controle do espaço escolar, bem como das pessoas nele existentes. Isso explicita certo “medo” de invasão deste espaço, que é objetivado nesses e em outros métodos de controle, como por exemplo, a presença da polícia.

Pode-se dizer, então, que além das grades, dos muros e portões que a escola dispõe para manter o controle dos presentes no espaço, existem também grades invisíveis que balizam as relações, dando a medida do comprometimento com uma educação crítica e emancipatória, que parece não existir nesses espaços.

### 3. 2. A SALA DE AULA

As contribuições dos escritos e desenhos de professores e alunos, nesse momento, possibilitam apreender as imagens por eles formadas a respeito da sala de aula e das relações dentro dela. Alguns alunos retrataram as condições físicas da sala de aula em seus escritos e desenhos no instrumento de coleta. Muitos exemplos podem ser citados, dentre os quais:

ALUNO, SALA 1: “A lousa é uma porcaria e não dá nem para escrever, a limpeza em tão, a sala é muito suja (...) e tem uma vitra que está, quebrado (...) As carteiras estão velhas, quebradas, sujas, na verdade estão orozas (...)”.

A maioria dos alunos relatou situações semelhantes, o que demonstra que eles percebem e se importam com as condições de sua sala, porém a escola como um todo parece não se importar, como escreve esta menina:

ALUNA, SALA 2: “(...) sabe eu queria que a escola mudasse muito se eles não estragasse as cortinas ia ser muito bonito (...)”.

Outros dados que surgiram e tornaram-se relevantes, devido às repetidas vezes mencionados, foram com relação à descrição da sala como um “inferno”, “chiqueiro”, “de louco”. Muitos alunos colocam isso em seus desenhos e escritos.

A sala de aula é então caracterizada como um local “sujo”, “bagunçado” e com alunos desordeiros e que impedem a existência de um espaço físico e de um ambiente relacional harmonioso e possibilitador da transmissão de conteúdos. Apesar desse quadro caótico que é apresentado pelos alunos, muitos deles demonstram-se já conformados com essa realidade, conforme as seguintes alunas:

ALUNA, SALA 1: “(...) Mais sem esses defeitos a sala é boa. E é assim que é a minha sala. Mais de qualquer jeito ela vai ser minha sala”;

ALUNA, SALA 2: “ A minha sala é lixo mais eu gosto A sala inteira me perturba mais tudo bem (...)”.

Ambas encontram-se já identificadas com essa realidade mortificada existente dentro da sala de aula. Já conformadas ao modelo de escola que se torna apenas depositária de sujeitos, para que estes não fiquem livres e se tornem problemas à sociedade, conforme Patto (2007) apresenta.

### 3. 3. A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

#### 3.3.1 A Professora

A primeira informação que uma reconstituição histórica poderia nos dar é com relação à origem social do professor, que já foi escravo, religioso, oriundo das classes dominantes e hoje, num movimento que parece crescer a cada dia, o professor de escola pública se assemelha cada vez mais ao aluno. Isso deve ser melhor investigado, já que grande parte dos que agora iniciam seus estudos para se tornar professores também viveram crises educacionais e “passaram pelos mesmos problemas e dificuldades, inclusive o de superar, na escola, as diferenças de ambiente cultural e lingüístico”( Franchi, 1995, p. 35).

Um grande tema a ser pensado diz respeito às condições de trabalho do professor. Apesar de

certa melhora na década de 1960, observa-se um retorno crescente às insalubridades que remontam períodos históricos passados. As precariedade nas instalações físicas do espaço escolar, a baixa remuneração, entre outras características que poderiam servir para denominar momentos da educação que já passaram, como o período entre Colônia e Monarquia, servem aos dias atuais, o que deveria ser visto com preocupação.

Pode-se dizer, conforme Franchi (1995) que as grandes reclamações dos professores dizem respeito às condições objetivas de trabalho, que passam pelas questões salariais e jornada de trabalho, ambas afastadas da real possibilidade de um trabalho docente com qualidade.

Devido à situação salarial precária, o professor precisa trabalhar em mais de uma escola, o que diminui seu tempo de preparo de aula e estudo, além de da permanência e dedicação a uma escola. Isso dificulta a construção e efetiva participação no projeto pedagógico da unidade.

Exige-se dos professores um ensino específico de acordo com a localidade e as características dos alunos. Mas não se proporcionam ao docente sequer as mínimas condições de estabilidade em que possa vivenciar essa realidade e acumular experiências significativas para um trabalho contextualizado. (FRANCHI, 1995, p. 30)

Finalmente, pode-se falar sobre o professor trazido a esta pesquisa, aquele que foi observado durante o período de coleta de dados.

A primeira consideração a ser feita, traz à tona a questão da feminização do quadro de professores, posto que, dentre todos os professores que compõem a amostra, nenhum é do sexo masculino e, no universo observado, pode-se encontrar aproximadamente quatro professores, minoria total que pode ser estendida a todos os quadros da educação básica.

Outra questão relevante diz respeito a um duplo movimento do professor, que pode expressar a reprodução de lógicas hierarquizadas e “disciplinantes”. Dito de outra forma, o que ilustra o que se pretende trazer aqui é o duplo papel que o professor desempenha: subordinado à superiores, mas que impõe e subordina os alunos, reproduzindo a disciplina da e na escola.

Outro aspecto do professor estudado é com relação à sua participação nos âmbitos sindicais. A maioria dos professores observados era alheia aos movimentos de classe, quando não criticavam as posições que o sindicato apresentava. Essa dificuldade e desmotivação em participar politicamente podem refletir a desmotivação e descrença que vêm aumentando entre os docentes, em relação a sua profissão, enquanto classe e mesmo enquanto sujeitos críticos e participativos.

Todas essas questões permeiam o ator-professor que se coloca diante de uma sala de aula, com alunos desmotivados e carregados de estigmas, mas que também se encontram – os professores – desmotivados, cada vez mais despreparados para dar conta das questões trazidas pelos estudantes, justamente por essa falta de qualidade na elaboração do conteúdo a ser trabalhado. Qualidade esta que, como já apresentado, não pode ser unicamente de responsabilidade do professor.

### 3.3.2 Os Alunos

Tornou-se uma tarefa difícil encontrar dados referentes aos alunos da rede estadual paulista de ensino fundamental, talvez porque não haja o real interesse em entender e saber de fato quem são os alunos que tornam parte dessa classificação e quais suas origens, ou interesse em sistematizar e publicar essas informações, o que vai ao encontro das dificuldades encontradas também ao traçar o perfil do professor, conforme Franchi (1995). Apesar disso, alguns dados podem ser discutidos, como, por exemplo, o peso da escola pública estadual na formação das crianças e jovens paulistas. A grande maioria dos alunos está matriculada em escolas públicas estaduais (INEP, 2004), apesar de, no imaginário popular, esta se configurar como a pior escola de todas – em relação à pública municipal e à particular.

Segundo os professores das escolas pesquisadas neste trabalho, estes alunos são “(...) de diversas faixas etárias e diferentes realidades o que dificulta a aprendizagem e o ensinamento (...)”, geralmente advindos de uma família que não proporcionou educação suficiente para conviverem no espaço escolar.

Além disso, em conversas com professores, diretores e funcionários das escolas, além da observação das redondezas e do bairro, pode-se afirmar que a maioria dos alunos é de classe média baixa ou baixa. Essa análise confirma, na realidade brasileira, um movimento que Bourdieu e Champagne (1998, apud CATANI e NOGUEIRA, 1998) descreveram em seu texto “Os excluídos do interior”. Guardadas as diferenças em relação à França, pode-se dizer que um movimento semelhante de entrada dessa clientela ocorreu no Brasil.

Até o final dos anos 50, as instituições de ensino secundário conheceram uma estabilidade muito grande fundada na eliminação precoce e brutal das crianças oriundas de famílias culturalmente desfavorecidas. A seleção com base social que se operava, assim, era amplamente aceita pelas crianças vítimas de tal seleção e pelas famílias (...). Entre as transformações que afetaram o sistema de ensino (...), uma das que tiveram maiores conseqüências foi, sem nenhuma dúvida, a entrada no jogo escolar de categorias sociais que, até então, se consideravam ou estavam praticamente excluídos da Escola (...) (BOURDIEU e CHAMPAGNE, 1998, apud CATANI e NOGUEIRA, 1998, p. 219-220).

Outra questão que envolve o aluno-ator das escolas estaduais é o estigma da carência cultural (PATTO, 1987), em que se considera que os alunos “carentes” assim o são devido a privações psicológicas ou culturais. Assim, cabe à Psicologia “diagnosticar as supostas deficiências psicológicas do marginalizado” (p.117) e, a partir disso, promover sua integração na cultura “correta”, único meio de o marginalizado salvar-se.

É dessa forma que encontramos o aluno no espaço escolar: discriminado, pressionado a seguir o modelo “ideal”, oprimido por sua condição de classe. Seu capital cultural, conforme Bourdieu, não é moeda de troca suficiente nesse espaço. Sua cultura não é aceita, além de ser considerada falsa e errada. A partir daí, o aluno pode amoldar e docilizar-se ou rebelar-se, como já discutido anteriormente.

### 3.3.3 Ao uni-los, a contradição

Observou-se a interação dos professores e discentes durante as aulas e aplicação do instrumento, bem como pelo ambiente escolar. O que ficou claro é que a relação professor-aluno entre os sujeitos pesquisados está desgastada e muitas situações ilustram esta afirmação.

Em visita a uma das escolas estudadas, em muitos momentos ouvia-se e via-se episódios de roubo de pertences de professores, intervenção policial na escola e ameaças de morte. Não era raro comentar-se na Sala dos Professores sobre essas situações. Além das constantes brigas entre professores e alunos, foi observada a maneira como os professores dirigiam-se aos discentes.

Essa relação também foi expressa pelos alunos no instrumento de coleta de dados. Alguns alunos escreveram ofensas aos professores, mas, os que apontaram um relacionamento ruim com os mesmos, em sua maioria, alegavam que estes eram “chatos” ou “estressados”:

ALUNA, SALA 1: “A professora (...) ela manda os alunos, calarem a boca e eles falam vem fazer e ela fala não encosto a mão em bosta (...)”;

ALUNA, SALA 2: “Nenhum professor gosta de aluno Só de aluno inteligente aqueles alunos meiburinho eles nem que sabe igual a prof. (...) Prof. debocham de tudo até de mim”.

Estes relatos expressam como a relação em sala de aula encontra-se em tensão e revela, além disso, uma nítida diferenciação entre as posições docente e discente, pautada pela humilhação, desvalorização e separação dos alunos pelos professores.

O fato de aqueles meninos e meninas estarem fadados ao fracasso parece fazer com que os professores já os sentenciem a esse fim, relegando a possibilidade que esses têm de apresentar, discutir e transformar a realidade dessas crianças e jovens, dentro e fora da escola. Os professores, ao abrirem mão desse papel, permitem que os próprios alunos abram mão dessas possibilidades (PATTO, 1999).

Por outro lado, a maioria dos alunos apontaram aspectos relacionais positivos, o que gerou dúvidas no sentido de investigar os motivos que levam os alunos a gostarem ou não de um determinado professor e porquê estes motivos se fazem presentes.

ALUNA, SALA 1: “ (...) as professoras são legais (...)”;

ALUNA, SALA 2: “ As professora é legal os meus colegas também (...)”;

ALUNO, SALA 2: “ E as professoras são legais e muito educada (...)”.

A discussão acerca das manifestações sobre os professores serem “legais” levam a pensar em que sentido esse termo foi empregado. Num primeiro momento, poder-se-ia considerar que os alunos acreditam que seus professores em sua maioria possuem aspectos positivos e que isso mostra uma relação boa entre eles. Contudo, as observações impedem a simplificação e redução dos dados a esse ponto e abrem outras considerações e possibilidades.

Um primeiro ponto a ser considerado é com relação ao período em que os alunos escolhidos para se manifestarem nesta pesquisa se encontram. Por tratar-se de uma 5ª série do Ensino Fundamental, acredita-se que há pouca familiarização com os inúmeros professores (um para cada matéria) e com a nova rotina escolar, já que até a série anterior os alunos tinham um único professor, na maioria das vezes professora, chamada de “tia” e que, por isso mesmo, permanecia mais tempo com os alunos. A professora fazia as vezes de mãe, o que tem fortes implicações na relação, tornando difícil o abandono dessa concepção pelos alunos. Isso se torna mais forte quando se percebe, ao olhar para os desenhos e escritos desta pesquisa, o grande número de referências aos professores no feminino e no singular.

Apesar disso, parece que os alunos já se acostumaram com o esquema de gratificação ou punição escolar, que recompensa aqueles que se mantêm dentro dos padrões e pune aqueles que fogem à regra. Nesse sentido, escrever (ou mesmo pensar) algo que vá contra a idéia de que o professor é o superior e, por isso mesmo, o detentor do saber e da verdade, pode tornar-se contra eles, refletindo não só o já citado medo existente na instituição, como também a reificação dos sujeitos que se produz, alunos que não têm pensamento próprio, simplesmente pelo fato de não ser permitido.

Entre os professores, houve também a expressão de certo descontentamento, porém estes apresentam justificativas ou soluções para melhorar a relação:

PROFESSORA 1: “Falta de disciplina, limites, respeito com os colegas e funcionários. Diante de tanta dificuldade o aprendizado em sala de aula se torna pequeno (...) Acho que os pais deveriam explicar ao filho a importância dos estudos, o valor da educação (...)”;

PROFESSORA 2: “(...) Com dificuldade de aprendizagem, mas carentes de afeto”;

PROFESSORA 5: “Não têm vocabulário compatível com a série(...); não estão acostumados a trazer o material escolar e não têm hábitos de estudos(...). Acredito que muitos estão precisando de acompanhamento médico e principalmente do afeto familiar”.

Esses trechos deixam clara a posição dos professores de se eximir da culpa pelo fracasso desses alunos. Os problemas não estão dentro da escola e, sim, fora de seus muros. Quando estão dentro, é advindo do aluno, defasado psicologicamente ou sem os cuidados adequados da família. Ou seja, parece haver uma forte isenção da própria responsabilidade por parte dos professores e a culpabilização de qualquer coisa que não seja eles próprios ou o que eles representam (a escola e a educação).

Patto (1999), ao analisar fato semelhante em sua pesquisa, afirma que responsabilizar o outro permite defender-se das angústias das relações escolares, o que garante “um sentimento de competência e de legitimidade graças à atribuição de incompetência e ilegitimidade a outrem” (p.218).

O fato dos alunos não se saírem bem na escola coloca em cheque a própria qualificação dos professores, questiona se os professores também estão se saindo bem na escola. Para afastar a possibilidade de que eles próprios tenham limitações e insuficiências, a culpabilização da criança vem como forma de mantê-los ainda como os detentores do saber e da verdade.

As relações dentro da sala de aula também são tensas porque os professores parecem não saber lidar com a alteridade. O fato de existirem alunos de diferentes faixas etárias e realidades é tido como algo ruim, o que retoma a discussão de que a escola tem na homogeneização, no nivelamento e na constituição da docilidade dos alunos uma forma de manter o funcionamento de seu sistema. Os que se encaixarem nessa massa uniforme podem permanecer nesse sistema e iludir-

se com a possibilidade de ascensão fácil e mobilidade social certa. Aos que não se encaixam são reservadas as punições, assim como a expulsão do sistema escolar, o que mantém a idéia de que estes últimos não têm utilidade na sociedade, a partir do momento em que se mostram improdutivos, por não se acomodarem às regras.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão ora feita dos dados e observações apresentados leva à confirmação da hipótese de que o espaço da sala de aula, e os atores nele inseridos se caracterizam pelo conflito, tensão, relação de força e poder, manifestos por aparelhos e situações que hierarquizam, segregam e punem. Os discursos instalados e legalizados pelos aparelhos de controle permitem a manutenção dessa relação conflituosa e violenta, que vem sendo constituída a partir do momento em que se constituiu a educação no mundo.

Hoje em dia, a escola é quase como uma prisão. O professor fica, então, num papel relativo ao carcereiro, mantendo os alunos presos o maior tempo possível naquele espaço para que, conforme Patto (2007), evite-se a criminalidade, bem como para inculcar nesses alunos a ilusão de que estar na escola é sinônimo de mobilidade social garantida.

Esse falso discurso algumas vezes se quebra, posto que nem mesmo a escola (e os professores) consegue mais mantê-lo. A escola mantém-se a partir da hierarquia, da disciplina, da relação docilidade-utilidade dos corpos e da punição, garantindo a manutenção de seus objetivos institucionais, os quais não passam, nesse caso, pelos objetivos educacionais, previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e tão fortemente pregados pelo Estado.

O professor é porta-voz desses elementos, obviamente repassados em sua relação com os alunos e as maneiras como lidam com isso, exemplificadas neste trabalho, permitem entender que há manutenção desses elementos, dentro da sala de aula, dentro da escola e, também, dentro da sociedade.

(...) o professor, valendo-se sempre de coerção psicológica e, muitas vezes, de coerção física, é formado para ser o porta-voz da ideologia da classe dominante e veicula, com a autoridade que lhe é outorgada, os conteúdos dos livros didáticos, os estereótipos e preconceitos sobre a criança, a família e os modos de vida na pobreza, as mensagens de que existe um mundo valioso, ao alcance de todos, dependendo apenas do mérito de cada um. (PATTO, 1987, p. 140)

A Psicologia tem muita responsabilidade na criação e perpetuação dessas idéias, posto que fornece métodos de mensuração e avaliação das capacidades dos sujeitos, com base num padrão estatístico e despregado da realidade, não nas realidades dos sujeitos e suas particularidade, o que permite à Escola manter e propagar visões como o mito da carência cultural, ou ainda afirmações de que os alunos são “problemáticos” e “deficientes”.

A Mídia também contribui para a propagação de idéias preconceituosas na medida em que ora põe o aluno como “vândalo”, ora põe o professor como “despreocupado”, sem buscar as reais influências desses atores que os levam a atitudes que, despregadas da realidade, permitem a concordância com os adjetivos apresentados.

Outro aspecto a ser considerado na relação entre professor e aluno é com relação à burocracia inerente ao sistema escolar, que verticaliza as relações, decisões e comunicações.

Nesse sentido, cabe à Psicologia repensar suas formas de adentrar ao espaço escolar, evitando posições hierarquizadas e dominadas pelo saber técnico, que acaba contribuindo para que as relações de poder sejam mantidas e intensificadas. Repensar as práticas, por mais que seja dito entre os discursos acadêmicos, ainda não é realidade que se faz presente nas escolas, principalmente nas escolas estaduais analisadas neste trabalho.

Apesar do conhecimento acumulado no assunto, ainda não existe uma política de modificação desses abusos dentro da escola, o que corrobora com a idéia de que não é o objetivo educacional que guia as práticas escolares, além da idéia de que “escolas cheias, cadeias vazias”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sergio. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. jun. 2006, vol.26, no.2, p.222-245. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1414-9893.

BOURDIEU, P; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **Pierre Bourdieu**: Escritos de Educação. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar**. 2004.

FRANCHI, E. P. (Org.). **A causa dos professores**. Campinas: Papyrus, 1995.

GUIMARÃES, Aurea. **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas: Papyrus, 1985.

PATTO, Maria Helena Souza. **Psicologia e Ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T.A Queiroz, 1987.

\_\_\_\_\_. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

\_\_\_\_\_. "**Escolas cheias, cadeias vazias**" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. *Estud. av.*, São Paulo, v. 21, n. 61, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142007000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 Jul 2008.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; SIMÕES, Maria Cristina Dancham. **A Escola Contemporânea**: Processo de socialização e de poder na relação professor-aluno. Relatório Final bolsa PIC/UNITAU Taubaté: UNITAU/PIC, 2007.